



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES
COORDENAÇÃO DE CURSOS EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES – CCCR

GILSON DA PENHA SIMAS

**MARACÁ:
UM ESTUDO À LUZ DA PRÁTICA SIMBÓLICA E DA VIVÊNCIA ESPIRITUAL E
CULTURAL DO POVO TABAJARA DA PARAÍBA**

JOÃO PESSOA

2023

GILSON DA PENHA SIMAS

**MARACÁ:
UM ESTUDO À LUZ DA PRÁTICA SIMBÓLICA E DA VIVÊNCIA ESPIRITUAL E
CULTURAL DO POVO TABAJARA DA PARAÍBA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Ciências das Religiões, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências das Religiões, sob orientação do professor Dr. Lusival Antonio Barcellos.

JOÃO PESSOA
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S588m Simas, Gilson da Penha.

Maracá: um estudo à luz da prática simbólica e da vivência espiritual e cultural do povo Tabajara da Paraíba / Gilson da Penha Simas. - João Pessoa, 2023.
32 f. : il.

Orientação: Lusival Antonio Barcellos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências das Religiões) - UFPB/CE.

1. Maracá. 2. Espiritualidade. 3. Identidade étnica.
4. Cultura. 5. Indígenas Tabajara. I. Barcellos, Lusival Antonio. II. Título.

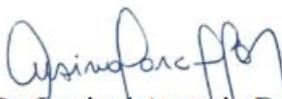
UFPB/CE

CDU 141.135(043.2)

GILSON DA PENHA SIMAS

**MARACÁ:
UM ESTUDO À LUZ DA PRÁTICA SIMBÓLICA E DA VIVÊNCIA ESPIRITUAL E
CULTURAL DO POVO TABAJARA DA PARAÍBA**

Banca Examinadora



Prof. Dr. Lusival Antonio Barcellos
(Orientador/PPGCR/UFPB)



Prof^ª. Dra. Eliane Silva Farias
(Membro Externo da Banca)



Prof^ª. Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre
(Membro Interno da Banca)

João Pessoa, 07 de novembro de 2023

AGRADECIMENTOS

À minha família, em especial a esposa Vânia Simas, aos meus filhos, Isabela, Beatriz e Giovanni, que sempre acreditaram e me deram apoio em todos os momentos.

À Nathalia Tabajara e à Sônia Tabajara, por suas falas de resistência, força e conhecimento de causa para enfrentar as adversidades do Povo Tabajara, bem como por ajudar com contribuições poderosas no entendimento do sentimento desse Povo Indígena para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Lusival Antônio Barcelos, por acreditar nesta pesquisa e muito contribuir para o desenvolvimento deste trabalho. Agradeço imensamente ao professor pelos ensinamentos dados com maestria em todas as disciplinas relacionadas aos povos indígenas.

À Prof.^a Dra. Eliana Silva de Farias, por me ajudar no percurso dessa pesquisa e por colaborar com conteúdos essenciais à fundamentação teórica do TCC.

À Prof.^a Dra. Maria Lúcia Abaurre Gnerre, professora que sempre me motivou e me inspirou no decorrer desse caminhar acadêmico.

À esta universidade, com seu corpo docente magnífico e irretocável, à direção de centro e administração, que oportunizaram à mim, em minha vivência acadêmica, o vislumbre de um horizonte superior.

Ao meu pai, Geraldo Simas (*in memoriam*), homem honrado e que me inspira no caminho do conhecimento e de compartilhamento de vivências para o bem maior.

O saber indígena consiste no silêncio dos ventos, no canto dos pássaros, no embalar das folhas, no olhar indígena, no balanço do maracá e na pisada firme.

Edilene Kiriri

RESUMO

O Maracá é um instrumento musical de significado profundo para os povos indígenas e trata-se de objeto sagrado na vivência espiritual do Povo Tabajara na Paraíba. Com sua forma circular e som produzido pela percussão interna de pequenos objetos, o maracá transcende a tecnicidade musical ao estar intrinsecamente ligado ao ritual sagrado do Toré, cujo rito desempenha papel de centralidade na expressão simbólica e na vida religiosa e cultural do povo Tabajara. A sacralidade do maracá relaciona-se à conexão simbólica com o universo cósmico e espiritual e, ao ser tocado como parte de um ritual sagrado, cria um equilíbrio de pensamento e alinhamento espiritual que permite uma comunicação transcendente e cósmica com entidades espirituais indígenas. Os elementos simbólicos envoltos no ecoar dos maracás são de fundamental importância para o entendimento do maracá como instrumento de espiritualidade e de identidade étnica para o Povo Tabajara. Para além do aspecto espiritual do tocar dos maracás, propõe-se a sua análise sob o ponto de vista cultural para a Aldeia Vitória do povo Tabajara, localizada na cidade do Conde/PB, na qual o maracá adquire significado cultural para aqueles que o constroem e o utilizam. O TCC tem como objetivo analisar o maracá como instrumento de espiritualidade, cultura e identidade étnica para o povo Indígena Tabajara da Paraíba no século XXI. Está ancorado em teóricos como Barcellos e a (2015), Farias (2021), Resende (2018), dentre outros. A fim de perseguir os objetivos deste estudo, foram utilizadas pesquisas bibliográficas, documentais e a abordagem qualitativa e, como instrumentos de pesquisa, foram utilizados diário de campo, observação participante e entrevistas. Trata-se, dessa maneira, de uma análise do maracá a partir da vivência espiritual e cultural do povo indígena Tabajara que visa aprofundar a compreensão do instrumento como objeto sagrado e apontar sua importância na prática simbólica e religiosa para a identidade indígena e cultura Tabajara.

Palavras-chave: Maracá. Espiritualidade. Identidade Étnica. Cultura. Indígenas Tabajara.

ABSTRACT

The Maracá is a musical instrument of profound significance for Indigenous peoples and serves as a sacred object in the religious practices of the Tabajara people in Paraíba. With its circular shape and sound produced through the internal percussion of small objects, the Maracá transcends mere musical craftsmanship, being intrinsically linked to the sacred ritual of Toré, whose rite plays a central role in the symbolic expression and religious and cultural life of the Tabajara people. The sacredness of the Maracá is related to its symbolic connection with the cosmic and spiritual universe. When played as a part of a sacred ritual, it fosters a balance of thought and spiritual alignment, enabling the Tabajara people to establish transcendental and cosmic communication with Indigenous spiritual entities. The symbolic elements interwoven with the resonating Maracás are of fundamental importance for comprehending the Maracá as an instrument of spirituality and ethnic identity for the Tabajara people. Beyond the spiritual aspect of playing the Maracás, its analysis is proposed from a cultural perspective for the Aldeia Vitória of the Tabajara people, located in the city of Conde/PB, where the Maracá acquires cultural meaning for those who build and use it. In pursuit of the objectives of this study, bibliographical and documentary research and a qualitative method with ethnographic research were used. Field diaries, participant observation, and interviews were used as research instruments. This is, therefore, an analysis of the Maracá based on the spiritual and cultural experience of the Tabajara indigenous people, aiming to deepen the understanding of the instrument as a sacred object and to highlight its importance in symbolic and religious practice for indigenous identity and Tabajara culture.

Keywords: Maracá. Spirituality. Ethnic Identity. Culture. Tabajara People.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Maracá produzido na Aldeia Vitória pelo povo Tabajara	12
Figura 2 – Tupinambás e maracá	13
Figura 3 – Tabajaras e maracá	13

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 O MARACÁ COMO INSTRUMENTO SAGRADO	13
2.1 O MARACÁ: INSTRUMENTO MUSICAL	13
2.2 MARACÁ NO RITO: INSTRUMENTO DE MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO	15
3 A SACRALIDADE DO MARACÁ NA VIVÊNCIA ESPIRITUAL E CULTURAL DO POVO TABAJARA NA PARAÍBA	19
3.1 O MARACÁ E O RITUAL DO TORÉ PARA O POVO TABAJARA: ESPIRITUALIDADE E CULTURA	19
3.2 A CONEXÃO SIMBÓLICA E ESPIRITUAL NA VIVÊNCIA DO POVO TABAJARA	22
3.3 O MARACÁ COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA DO POVO TABAJARA.....	25
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE A	31
APÊNDICE B	32

1 INTRODUÇÃO

O Maracá é um instrumento musical objeto de religiosidade de grande poder espiritual para os povos indígenas. A partir da análise de sua prática simbólica, das imagens e das mensagens atreladas ao instrumento, pode-se dizer que se trata verdadeiramente de objeto de vivência religiosa primordial para o Povo Indígena Tabajara da Paraíba. No escopo das Ciências das Religiões, faz-se necessário debruçar-se sob o sentido material do instrumento de arte musical, sob o aspecto espiritual e o cultural que envolve o tocar dos maracás para os povos indígenas. Para tanto, o presente estudo busca questionar de que maneira o maracá, como instrumento de espiritualidade e identidade étnica, é incorporado na vivência dos Povos Indígenas Tabajara e como a impressão de sua sonoridade faz parte da espiritualidade e cultura indígenas.

O Maracá é um instrumento de formato circular, cujo som é provocado pela vibração de seu corpo; trata-se de uma percussão interna. A sonoridade acontece quando pequenos objetos em sua parte interior se entrecrocaram e se chocam contra a parede circular da cabaça do maracá (Almeida, 1942, p. 38). Para além de sua emissão sonora do ponto de vista técnico-musical, “[...] o maracá é um instrumento sagrado para os povos indígenas, isto porque está relacionado com o ritual sagrado do Toré, cujo rito expressa a indianidade sob os mais amplos aspectos, quais sejam: religioso, cultural, social e político” (Barcellos; Farias, 2015, p. 197).

A sacralidade do instrumento vai desde o momento de sua construção até o trânsito de conexão simbólica com o universo cósmico, o qual se relaciona com a conexão com o mundo espiritual. Quando o maracá é entoado, incorporado à uma ritualística, dentro do processo de imaginação, sacralidade e de religiosidade indígena, há um equilíbrio do pensamento e alinhamento para a conexão e comunicação transcendente e cósmica, entendida pelos indígenas como uma comunicação com os Encantados – entidades espirituais de tradições indígena. Segundo Eliade (1992, p. 13), “[...] um objeto torna-se outra coisa ao manifestar o sagrado e, para quem o objeto é sagrado, há uma transmutação da realidade imediata em realidade sobrenatural.”

Dessa maneira, pensar o maracá indígena como um instrumento que transcende à musicalidade e à objetividade é adentrar na manifestação do sagrado e na compreensão deste como elemento de identidade étnica. O aprofundamento acadêmico a respeito do tocar dos maracás para o povo Tabajara, portanto, faz-se fundamental para o estabelecimento da conexão simbólica do elemento em ritualística e para o apontamento de sua relevância no processo de autoafirmação identitária dos Tabajara através de sua vivência espiritual e cultural.

O despertar para o estudo do maracá como instrumento de espiritualidade e cultura na vivência do povo Tabajara aconteceu em pesquisa de campo às aldeias de indígenas Tabajara da Paraíba. São três as aldeias do povo Tabajara da Paraíba: Aldeia Barra de Gramame, Aldeia Vitória e Aldeia Nova Conquista-Taquara. O uso do maracá é presença marcante para os indígenas Tabajara nos seus rituais, essencialmente, no ritual do Toré. Fora a percepção da relevância do maracá no Toré que motivou esta pesquisa. Cumpre ressaltar que os relatos coletados para este trabalho foram feitos somente na Aldeia Vitória, no município de Conde-PB, na qual há um peso sob o aspecto cultural do maracá como elemento de fortalecimento da identidade étnica.

Esta pesquisa tem como objeto o maracá, como instrumento simbólico de vivência espiritual e cultural dos Tabajara da Paraíba no século XXI. Como problemática a importância ou não do maracá para os indígenas Tabajara da Paraíba.

Objetivo principal é analisar o maracá como instrumento de espiritualidade, cultura e identidade étnica para o povo Indígena Tabajara da Paraíba no século XXI. A fim de perseguir tal objetivo, são objetivos específicos: 1) compreender a fundamentação ontológica do uso do maracá nos rituais indígenas; 2) perceber como acontece a comunicação espiritual no uso do maracá para intermediar, para sintonizar o cosmos com o mundo material e para obter respostas e direcionamentos; e 3) averiguar, a partir de entrevistas e observação participante, na Aldeia Vitória, como o maracá faz parte da cultura do Povo Tabajara.

A fim de atingir os supracitados objetivos deste estudo, foram realizadas pesquisas bibliográficas e documentais, através de procedimento seletivo e analítico, com abordagem analítica (Lakatos, 2020). Optou-se por uma abordagem qualitativa para fazer a interpretação dos significados dos objetivos do trabalho. Como instrumentos foram utilizadas entrevistas com indígenas Tabajara, diário de campo e observação participativa, a fim de obter dados e significados para o presente estudo.

Foi muito importante, primeiramente ter tido a oportunidade de vivenciar no componente Religiões Indígenas e Arte Sacra Indígena, do curso de Ciências das Religiões, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, aprofundamentos teóricos e ir a campo nas aldeias indígenas Tabajara. Isso me despertou o interesse em aprofundar nesse assunto sobre os povos originários, sobretudo dos Tabajara da Paraíba.

Não medi esforços, para dentro das minhas limitações, ter momentos de aprendizagens com essa cultura de valor *in loco*. Isso me aproximou do meu orientador, que tem experiência

sobre os povos indígenas e da doutora Eliane Farias, uma das maiores estudiosas sobre esses indígenas na atualidade.

Destarte, tem-se que o poder espiritual creditado aos maracás pelos povos indígenas e pelo qual o consideram como objeto sacro, está inserido e intimamente ligado aos preceitos espirituais e de cultura indígena, que são de fundamental importância na religiosidade e espiritualidade dos povos indígenas Tabajara. O maracá torna-se um objeto consagrado dentro do espaço sagrado para alcançar os sentidos de realidade, perenidade e eficácia.

É, portanto, tendo como de fundamental importância o estudo e o entendimento do maracá na prática simbólica e na vivência religiosa e cultural dos Povos Tabajara, que este trabalho foi desenvolvido. De maneira a elucidar progressivamente o objeto trabalhado, este estudo será dividido em três capítulos: o primeiro, uma introdução ao maracá como instrumento sagrado, a partir da explicitação da função objetiva e subjetiva do maracá como instrumento musical e como instrumento sagrado, respectivamente; o segundo capítulo discorrerá sobre a sacralidade do maracá na vivência religiosa e cultural dos Povos Tabajara, sobretudo a partir dos depoimentos dos indígenas Tabajara na Aldeia Vitória; o terceiro, dará ênfase ao maracá como expressão de identidade étnica Tabajara, estabelecendo como ponto inicial o contexto de encadeamento recente do processo de etnogênese, oriundo da luta pelo reconhecimento étnico e pela retomada territorial na Paraíba. É finalizado com as considerações finais, fazendo uma síntese geral da pesquisa.

2 O MARACÁ COMO INSTRUMENTO SAGRADO

O maracá é um instrumento musical que transcende sua função sonora ao se propor como um elemento profundamente sagrado na vida dos povos indígenas. Desempenha um papel central nos rituais religiosos, na expressão da identidade étnica e na conexão espiritual dos Tabajara com o cosmos. Neste título, explorar-se-á o maracá em sua dualidade: como uma peça de arte musical e como um objeto de profundo significado religioso. Discutir-se-á sua forma, som e como esses aspectos contribuem para a sacralidade do instrumento. Além disso, será examinada sua importância nos rituais, nos quais o maracá desempenha um papel vital na comunicação transcendente com entidades espirituais indígenas. Assim, pretende-se lançar luz sobre o maracá como um objeto de espiritualidade e uma representação fundamental da cultura e religiosidade dos Povos Indígenas Tabajara.

2.1 O MARACÁ: INSTRUMENTO MUSICAL

O maracá é instrumento musical de percussão de origem indígena e teve utilização ampla, notadamente em culturas sul-americanas. Trata-se de um objeto fundamental na música folclórica e popular. Sua simplicidade e versatilidade o torna acessível no contexto musical.

O maracá é definido por Almeida (1942) como um instrumento com uma espécie de cabaça oca, a qual é preenchida por pedrinhas ou sementes, que, ao se chocar contra as paredes da cabaça emitem uma sonoridade musical. Essa cabaça é encaixada em uma haste de pau, a fim de que seja possível o seu manejo como um chocalho. Trata-se de um idiofone, assim definido por produzir o som por si mesmo, através do atrito (Lins, 2017, p. 95).

Figura 1 - Maracá produzido na Aldeia Vitória pelo povo Tabajara.



Fonte: Imagem do autor.

Em seu livro *História de uma viagem feita à Terra do Brasil*, Léry (1990, p. 61) ratifica que o maracá é um instrumento musical que os indígenas brasileiros costumavam portar, isto porque estes acabavam por sempre ter em mãos esse objeto a eles sagrado. Em análise à obra iconográfica de Léry, Lima (2015, p. 312) resgata uma gravura da obra *História de uma viagem*, do autor francês, que ilustra Tupinambás dançando e tocando maracá.

Figura 2 - Tupinambás e maracá



Fonte: LÉRY, Jean de. *Historie d'un Voyage Faict en la Terre du Bresil*, 1585.

Figura 3 - Tabajaras e maracá.



Fonte: Foto por Barcellos¹

¹ Disponível em: <https://www.tabajarapb.com/documentos?pgid=lijbgi321-049416b4-5235-4e5f-8277-4ccaa186e734>. Acesso em: 20 ago. 2023.

As figuras 2 e 3, por mais que retratem períodos históricos completamente distintos, enaltecem a observação feita por Léry de que os indígenas brasileiros sempre tinham nas mãos o maracá. A figura 3, feita por Barcellos, retrata a coleta de argila para produção de cerâmicas por indígenas Tabajara. Logo no primeiro plano da fotografia, o maracá está presente.

Em análise histórica e simbólica das figuras acima, identifica-se a similaridade dos cocares e dos maracás dos indígenas Tupinambás (figura 2) e dos Tabajaras (figura 3). Ressalta-se a correspondência da cultura indígena vivida pelos povos originários do Brasil.

O pertencimento cultural desses povos é um ponto primordial a ser observado nas imagens, principalmente ao considerar o período de distanciamento histórico de quase meio entre as duas figuras. O pertencimento cultural é tão forte e latente que, mesmo diante das perseguições, dos abusos, violências, repressões e massacres sofridos pelos povos indígenas, é possível observar iconograficamente a perpetuação da cultura indígena no decorrer do tempo.

Realça-se essa conexão e similaridade na cultura, na religiosidade e na vivência desses povos. Nesse sentido, resta evidente a força e resistência dos povos indígenas através de sua cultura e vivência com a natureza, herdados dos antepassados e perpetuadas através do tempo, que age de forma agregadora e sustentadora da cultura e espiritualidade dos povos indígenas.

Nos rituais religiosos indígenas, o maracá, musicalmente, faz parte da marcação do ritmo nas cerimônias. Segundo Zannoni e Barros (2012, p. 28), em estudo sobre o maracá nas sociedades indígenas do Maranhão, “[...] a confecção e uso dos maracás tratam de competência reservada aos homens iniciados, isto porque é um instrumento de uso dos pajés e dos chefes dos ritos na intermediação com o cosmos, chamado, pelos autores, de ‘mundo paralelo’”. Realça-se ainda, que as mulheres e homens não iniciados não poderiam manipular o maracá. Cabe aqui fazer um adendo a respeito dessa cultura nos Povos Tabajara. Cabe aqui fazer uma ressalva quanto à construção dos maracás pelo povo Tabajara. Diferentemente do disposto por Zannoni e Barros sobre as sociedades indígenas maranhenses, não há, para os indígenas Tabajara, competência privativa ao uso e construção dos maracás. Mulheres e homens podem fazê-lo e utilizá-lo nos rituais.

2.2 MARACÁ NO RITO: INSTRUMENTO DE MANIFESTAÇÃO DO SAGRADO

Para além da função musical do maracá, Almeida (1942, p. 38-39) realça o seu poder espiritual para grande parte dos povos indígenas da América do Sul ao aduzir que:

O seu poder sobrenatural é uma crença de quase todos os índios sul-americanos, que têm como certa a sua ‘influência direta e misteriosa sobre o

processo natural e ainda sobre o tratamento e os sentimentos humanos'. [...] os Tupinambá os veneravam. Acreditavam os Tupí que quando sacodiam seus maracás os espíritos lhes falavam por meio dos instrumentos e os intuía sobre o uso dos mesmos, isto é, os espíritos eram primeiramente conjurados e compelidos a entrar nas cabaças, e depois obrigados a render-se inteiramente aos feiticeiros. O poder sobrenatural de tais cabaças era devido não só ao som misterioso produzido pelas sementes e pevides nela contidos, mas também pelas pinturas e gravuras que as ornavam.

Sob o aspecto da religiosidade indígena, tem-se que os espíritos falam através dos maracás e ao maracá é atribuído um poder sobrenatural, transcendental, universal e cosmológico, não só tão somente pelo som misterioso e único produzido pelos grãos e pedras nele contido, mas também pelos outros artefatos que enfeitam o instrumento sonoro e de arte sacra, como por exemplo: pinturas, enfeites de penas, os quais são determinantes para que possamos comentar e descrever essa arte como materialização da espiritualidade e como a manifestação do sagrado. O sagrado, por sua vez, diz respeito ao que é consagrado e poderoso. Assim define Marchi (2005, p. 37):

Submetida a várias origens etimológicas, considera-se que a palavra – sagrado – deriva do verbo latino “sacer”, isto é, designa o que não pode ser tocado, que é querido dos deuses, santo, venerável. Contempla a ideia de “sanctus”, que corresponde ao que é tornado sagrado, inviolável, respeitável, virtuoso, poderoso.

Empreende-se, portanto, que o maracá, para os povos indígenas, é um instrumento de manifestação do sagrado. Permite-se, no entoar do maracá em ritualística, uma comunicação transcendente e cósmica dos povos indígenas. A respeito da manifestação do sagrado, Mircea Eliade (1992, p. 13, grifo nosso) dispõe que:

Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra; aparentemente (para sermos mais exatos, de um ponto de vista profano) nada a distingue de todas as demais pedras. Para aqueles a cujos olhos uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, **para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a Natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica.** O Cosmos, na sua totalidade, pode tornar-se uma hierofania.

Assim, ao manifestar o sagrado, um objeto comum pode adquirir um significado extraordinário e, ao mesmo tempo, permanecer conectado ao meio cósmico circundante. Isso

permite-nos inferir que um objeto sagrado, como o maracá, não perde sua natureza material como instrumento musical, mas ganha uma dimensão sobrenatural para aqueles que, através dele, têm uma experiência religiosa, como acontece para alguns povos indígenas. Na vivência religiosa dos povos Tabajara, por conseguinte, o maracá transforma-se em uma verdadeira manifestação do sagrado quando incorporado aos rituais. A perspectiva religiosa dos Tabajara revela a sacralidade cósmica do instrumento. Quando tocado como parte do ritual Toré, por exemplo, torna-se uma hierofania, ou melhor, uma manifestação do divino na cosmologia indígena, permitindo a comunicação transcendente com entidades espirituais indígenas, os chamados seres Encantados.

O maracá ultrapassa a concepção estrita de instrumento musical ao estar intrinsecamente ligado, para os Povos Tabajara, ao ritual sagrado do Toré, na manifestação da sacralidade do uso do instrumento nos ritos religiosos. Segundo Vilhena (2005, p. 20-21),

O rito refere-se, pois, à ordem prescrita, à ordem do cosmo, à ordem das relações entre deuses e seres humanos e dos seres humanos entre si. Reporta-se ao que rima e ao ritmo da vida, à harmonia restauradora, à junção, às relações entre as partes e o todo, ao fluir, ao movimento, à vida acontecendo. A busca pela ordem e o movimento são elementos constitutivos dos rituais.

Ainda no que tange ao rito, Barcellos e Farias (2015, p. 69, grifo nosso) realçam o rito como elemento que une e legitima um coletivo. Ao elucidar sobre sua simbologia, aduzem que

A simbologia de um rito para se fixar vai depender da perfeita e minuciosa sucessão de vez que acontecer. É na prática do rito que o grupo **restaura elementos perdidos, restabelece a integração, a sintonia com o próximo, consigo e com a divindade.**

Em análise comparativa a respeito do rito para os supracitados autores, tem-se que, assim como Vilhena (2005), Barcellos e Farias (2015) ratificam o rito como símbolo de estabelecimento de relações com os seres humanos entre si e destes com o divino. O tocar dos maracás no ritual do Toré cumpre este papel de restabelecer a integração e a sintonia dos indígenas entre si em rito e destes com sua espiritualidade. Esta relação trata de uma verdadeira manifestação do rito na relação com o sagrado. Ao discorrer sobre ritos e espiritualidade e, particularmente, sobre a expressão do rito, Nascimento (2020, p. 358) estabelece que

(...) o rito pode ser manifestado na relação com o sagrado, na religião, na religiosidade, na liturgia, no culto, nas práticas curativas, no exercício da

espiritualidade. Essas características são verificadas nas sociedades humanas das mais antigas, mesmo quando estas tinham uma visão de mundo baseada nos mitos e nas narrativas cosmogônicas.

Diante todo o exposto, pode-se concluir que o Toré é uma expressão viva do sagrado, pois este rito ressalta a importância da ordem, da harmonia e da conexão espiritual em um contexto cultural rico e profundamente enraizado nas tradições indígenas brasileiras. É uma celebração da vida, da comunidade e do divino, em perfeita sintonia com a compreensão do rito como um veículo para manter e restaurar a ordem na cosmovisão indígena. O uso do maracá no Toré, portanto, faz parte de um processo de sacralidade e religiosidade, que culmina em um alinhamento de pensamento e equilíbrio. Esse alinhamento permite uma conexão transcendental e cósmica, que os indígenas entendem como uma forma de comunicação com o mundo espiritual.

Dessa maneira, resta evidente a profunda sacralidade atribuída ao uso do maracá em rituais indígenas. O poder sobrenatural advindo do maracá para os povos indígenas atua como um canal de comunicação com o cosmos. Esse poder transcende o som, abrangendo também a arte gráfica e os elementos ornamentais presentes no instrumento, que desempenham um papel significativo na manifestação do sagrado. A transcendência do maracá torna-se uma verdadeira hierofania, uma manifestação do divino na cosmovisão indígena. A perspectiva religiosa dos povos indígenas Tabajara revela a sacralidade do instrumento, que permite uma comunicabilidade com as entidades espirituais durante o rito.

3 A SACRALIDADE DO MARACÁ NA VIVÊNCIA ESPIRITUAL E CULTURAL DO POVO TABAJARA NA PARAÍBA

A sacralidade do maracá é de profunda importância na vivência espiritual e cultural do Povo Tabajara na Paraíba. Este instrumento musical, que transcende a musicalidade, está intrinsecamente ligado ao coração dos rituais sagrados, sobretudo com o rito do Toré. O Maracá é objeto de expressão artística e de elo vital com o universo cósmico e espiritual, que, quando tocado durante cerimônias sagradas, cria um equilíbrio espiritual, permitindo uma comunicação transcendente com as entidades espirituais que fazem parte do panteão da cultura Tabajara. Neste contexto, o Maracá é um símbolo poderoso da rica herança espiritual e cultural deste povo indígena, desempenhando um papel fundamental na preservação de sua identidade e de suas tradições. O cerne deste capítulo está na associação do maracá com o ritual do Toré para o povo Tabajara, em sua conexão simbólica e espiritual, bem como na percepção dos indígenas da Aldeia Vitória sobre o maracá como símbolo cultural. Para estes, o maracá é elemento essencial de cultura indígena, de valorização de sua ancestralidade e de conexão com as forças da natureza, como será visto nos tópicos que se seguem.

3.1 O MARACÁ E O RITUAL DO TORÉ PARA O POVO TABAJARA: ESPIRITUALIDADE E CULTURA

Consoante Barcellos e Farias (2015), o ritual do Toré constitui um ritual religioso cultural. É uma expressão simbólica de uma multiplicidade de elementos, como música, dança, instrumentos, ritmo, pinturas corporais. Trata-se de um ritual de grande riqueza e complexidade.

O Toré em si possui uma dimensão inimaginável, ele é arte na dança, no corpo, místico, ritualístico, simbólico, arquetípico, sagrado e mítico. Quando se refere à dança, demonstra-se o movimento nos seus corpos ao estar no rito com uma comunicação unívoca entre eles, com a pisada forte na —Mãe Terra para receber as boas energias da —Mãe Natureza, seguindo o ritmo dos cantos, balanço do maracá e dos instrumentos tocados por alguns integrantes naquele momento sagrado para os indígenas (Figueiredo, 2020, p. 43).

Destaca-se, assim, a dimensão artística, a conexão com a natureza e a simbologia sagrada e mitológica que permeia o rito. A menção de Figueiredo (2020) à comunicação entre os participantes, ao contato com a terra e a natureza, bem como a harmonia entre movimentos, cantos e instrumentos, nos faz perceber que o Toré é muito mais do que uma simples cerimônia; é uma manifestação completa da cultura, espiritualidade e identidade dos povos indígenas. Isso

ressalta a importância de preservação das tradições e ancestralidade, que são um reflexo da profunda ligação entre os indígenas e seu ambiente natural.

No que concerne à sua ritualística, o Toré apresenta-se como uma dança circular, movida pelo som dos tambores e gaitas e marcada pela batida forte do pé direito no solo (Barcellos e Farias, 2015, p. 198).

O Toré como sendo uma dança circular sagrada, com sua particularidade arquetípica circular está repleto de atributos da Teoria do Imaginário, os quais estão presentes ao se fazerem observações com um olhar imaginário. Encontram-se essas propriedades no próprio círculo (arquétipo - símbolo universal), símbolos (cocar, maracá, vestimentas, adereços, pinturas, arco, flecha, toadas, instrumentos, movimentos dos corpos), mística espiritualidade (harmonia, união, enfrentamento, luta, resistência, heroísmo), figura de linguagem antítese que representa dualidade nos momentos de realização desse ritual (vida x morte; alegria x tristeza; dia x noite; pedir x oferecer); aniversário, casamentos, batismo, eventos que os indígenas considerem necessário celebrar através da dança do Toré, muitas vezes no seu tempo mítico e, ou talvez ainda em outras realizações no tempo cronológico (Figueiredo, 2020, p. 53).

Dessa maneira, a autora destaca o ritual do Toré como uma representação viva da cultura, através de seus símbolos e espiritualidade mística. Enfatiza-se a importância do Toré não apenas no tempo mítico, mas no tempo cronológico, a partir da ideia de celebração de eventos marcantes. Essa prática ritualística, portanto, é fundamental para a continuidade e preservação das tradições culturais dos indígenas.

A multiplicidade de elementos do Toré também está presente no âmbito musical do ritual. Isto porque não é apenas o maracá que marca o ritmo que circunda as danças e os movimentos dos participantes.

Os instrumentos usados nas músicas são, o bombo, o tambor, a caixa e o maracá, esses instrumentos ficam no meio da roda com os tocadores e puxadores do Toré. Os instrumentos ditam o ritmo marcando o pulso da batida mais forte e o compasso da música, quem dança também pode acompanhar o ritmo com seu próprio maracá na mão, seguindo o cacique nos momentos em que ele balança o maracá, no início, durante e no término de cada Toré. O ritual, a dança e a música são chamados de Toré (Resende, 2018, p. 20).

Cumprido ressaltar, contudo, que o maracá é elemento chave no ritual. Segundo Sônia Rodrigues da Silva (2023), indígena Tabajara, em entrevista registrada no Apêndice B, o maracá é elemento fundamental do Toré e enfatiza que este ritual só tem sentido com o som do maracá. Explica que, além do maracá, outros instrumentos, como o bombo, também são utilizados nos rituais, mas ratifica que o maracá é elemento central no Toré e que, por isso, é

um instrumento que não pode faltar. Ao relatar sobre o processo de construção dos maracás, Sônia Tabajara (2023) realça a importância da feitura do maracá e de sua utilidade como uma marca cultural de seu povo.

Comecei leve, bem à vontade, assim, construindo um artefato de muita utilidade para o nosso povo, e é o meu sonho que todos os jovens, as crianças, não percam essa identidade que a gente tem de fazer o nosso próprio artesanato. E eu estava falando com os meus filhos: olhe, tô envelhecendo, mas aprendam a não deixar a cultura ir embora (Sônia Tabajara, 2023).

A relevância do maracá no Toré é incontestável. Isto porque o instrumento dá vida à marcação do ritmo no ritual; faz parte da ritualística como elemento essencial à dança e ao rito como um todo. Além disso, trata de um elemento de grande relevância cultural para o povo Tabajara. Como explica Sônia Tabajara, o maracá é um artefato indígena tradicional e, até mesmo seu processo de construção, faz parte de traço da cultura artístico-artesanal de seu povo.

O ritual do Toré, para o povo Tabajara, é, de fato, um marco cultural em reelaboração, dado o encadeamento de ressignificação de seu povo (Barcellos e Farias, 2015, p. 198). Sobre esse processo, Cavalcanti (2017, p. 110) ratifica que, para os Tabajara, o mito e o rito acabam por se tornar uma questão de manutenção e continuidade de sua existência como povo e de sua cultura.

Barcellos e Farias (2015), em análise à reelaboração do Toré frente ao pentecostalismo, aduzem que, entre os Tabajara, encontram-se, na maior parte, pentecostais. Os autores ressaltam o processo de etnogênese vivido pelo grupo, que tem como central a questão da dualidade no aspecto religioso. Isto porque há um certo confronto entre a religião professada pelo grupo e o processo de reelaboração da sua tradição ancestral. Em conclusão às declarações de alguns Tabajaras, os autores estabeleceram que se

(...) sugere que não chegaram a reconhecer suas tradições religiosas indígenas e há um afastamento da cosmologia indígena levando-os a ter maior crença na religião a que se converteram, o pentecostalismo. (...) **Percebe-se que os fiéis pentecostais participam do ritual como tradição cultural e política pelo processo de reelaboração dos sinais de indianidade da etnia** (Barcellos e Farias, 2015, p. 202, grifo nosso).

O processo de reelaboração da indianidade da etnia tem como chave a aceitação das tradições indígenas, a partir da promoção e da propagação dos rituais e símbolos. Enquanto para alguns Tabajara o ritual do Toré e o maracá tem como realce à questão da espiritualidade, a partir da conexão cosmológica possibilitada pela sacralidade dos ritos e objetos sacros, para outros, a centralidade está no processo de reencontro com a identidade indígena Tabajara e do reconhecimento do ritual e do instrumento como peças fundamentais para a cultura do povo indígena Tabajara da Paraíba.

3.2 A CONEXÃO SIMBÓLICA E ESPIRITUAL NA VIVÊNCIA DO POVO TABAJARA

O simbolismo das práticas rituais, a exemplo do Toré, realça como elementos podem evocar significados e como desempenham um papel vital no estabelecimento de circunstâncias culturais e religiosas. Dessa maneira, tem-se que a cultura e a sacralidade estão entrelaçadas e que os símbolos desempenham um papel crucial na atribuição de sentido ou de significado.

O simbólico vem a ser essa significação/representação de estabelecida circunstância, elementos/objetos/imagens/fotografias que podem evocar algum sentido individual ou coletivo, ao se estar num ambiente, entra-se em contato/conexão direto (a) com aquilo que tenha esse valor simbólico na cultura, religião, sacralidade – onde o sagrado possui essa funcionalidade comunicação/linguagem que dar sentido as coisas (Figueiredo, 2020, p. 43).

Em relação ao simbólico no ritual do Toré e no uso do maracá, pode-se inferir que os elementos e os objetos ultrapassam a sua estrita objetividade ao carregar uma riqueza simbólica que conecta os participantes diretamente com o sagrado, criando uma linguagem espiritual que vai além das palavras. Essa dimensão simbólica e comunicativa é fundamental para a compreensão da importância do maracá no contexto do ritual do Toré e da cultura Tabajara como um todo. O tocar dos maracás em ritual trata de uma verdadeira evocação de sentido individual e coletivo para aqueles que o vivem. Em ritual, o povo Tabajara estabelece conexão com o simbólico do maracá na cultura, na religião e na sacralidade.

Através da observação participante e de entrevistas na Aldeia Vitória, foi possível entender como o simbólico do maracá se insere culturalmente nas tradições do povo Tabajara, notadamente em sua inserção no processo de reelaboração dos sinais de indianidade. Nathalia Rodrigues Lima (Aldeia Vitória, Informação Verbal, out. 2023) relatou a importância do maracá para a cultura do povo indígena Tabajara da Paraíba e realçou que:

Nós, indígenas, fazemos nossos rituais, os nossos festejos e nós utilizamos vários equipamentos e materiais, como o bumbo; o canto é algo muito forte. O maracá é uma peça elementar e fundamental para a cultura do povo indígena Tabajara da Paraíba e, especificamente, todos os povos do Nordeste, utilizam o maracá ou a maraca, dependendo da localidade. [...] O maracá tem esse sentimento de instrumento musical que serve para a gente acompanhar nossos ritos, os nossos cantos. É um chamamento. A liderança tem um papel importante, quem faz o som do chamamento é a liderança, os demais, seguem acompanhando e praticando o ritmo da dança do Toré, juntamente com os elementos, que são o maracá, o bumbo, trazendo a questão da natureza.

O relato enfatiza a importância cultural do maracá como elemento simbólico para os Tabajara. É um instrumento de demarcação dos ritos. A conexão simbólica do maracá com a

natureza é um traço de continuidade das tradições ancestrais indígenas. Quando perguntada sobre a ligação entre o maracá e a espiritualidade, Natália Tabajata (Aldeia Vitória, Informação Verbal, out. 2023, grifo nosso) responde que:

A cultura é algo repassado pelos nossos antepassados. A gente dá continuidade à cultura que já era praticada por aqueles que vieram antes de nós. Então, é **uma forma de reverenciar a natureza, reverenciar o som da natureza**. A gente traz muito a questão da espiritualidade, a mentalidade do ambiente, aquela energia que aquele ambiente nos traz e a gente mentaliza coisas boas, coisas positivas e a gente assimila muito com o som do maracá, que é um som suave, é um som que traz uma reflexão de quem somos e do que queremos, e que estamos aqui nessa terra para ser multiplicadores e o maracá dentro tem sementes, e essas sementes fazem esse barulho e a gente retraz que nós somos sementes dessa terra e nós estamos aqui para plantar e dar muitos frutos [...] As pessoas podem estar utilizando esse maracá como a força da mãe natureza, utilizar como uma força do som que ecoa, reverenciando a natureza e trazendo todo esse fortalecimento espiritual para todos que utilizam.

O relato de Nathalia Tabajara é bastante significativo, sobretudo ao destacar a importância da cultura como uma herança dos antepassados, transmitida de geração em geração. Trata-se de uma herança cultural preciosa que une as pessoas à sabedoria de seus ancestrais. Isso demonstra a importância de manter vivas as tradições e práticas culturais, não apenas como uma forma de honrar aqueles que vieram antes, mas também como uma maneira de preservar a identidade do povo Tabajara.

A conexão com a natureza e a espiritualidade é central nessa narrativa. O simbolismo do Maracá como um som que traz reflexão sobre a identidade e propósito na Terra é particularmente notável. A analogia entre as sementes no maracá e a ideia de que somos sementes da terra, aqui para plantar e dar frutos, é uma metáfora poderosa que ressalta nosso papel como cuidadores do planeta. O uso do maracá como uma força da mãe natureza, ecoando e fortalecendo a espiritualidade, realça como os rituais e objetos culturais desempenham um papel simbólico na conexão com o sagrado, entre a humanidade e o ambiente natural. Essas reflexões demonstram o profundo entendimento e apreciação da cultura e espiritualidade Tabajara.

A citação fala do som da natureza como algo a ser reverenciado, destacando o poder da espiritualidade e da mentalidade do ambiente. Isso ressalta a profunda ligação entre o povo Tabajara e a terra, com uma apreciação notável da natureza como uma fonte de energia e significado. Destaca-se a riqueza da cultura Tabajara e a sabedoria envoltas em suas práticas

rituais e espirituais, oferecendo uma visão inspiradora sobre a relação entre humanidade e natureza.

Há de ser ressaltar a profunda conexão entre a cultura, a espiritualidade e a natureza para o povo Tabajara. A reverência à natureza como uma fonte de energia e inspiração é algo que vai além de uma mera apreciação estética. É uma visão holística que reconhece a interconexão entre a humanidade e o meio ambiente, enfatizando o papel dos Tabajara como guardiões da Terra, encarregados de plantar as sementes da harmonia e do respeito pela natureza.

Pode-se ainda, através deste relato, estabelecer uma relação da memória como elemento essencial para a reconstrução da história Tabajara. Isto porque “o povo indígena se apropria da memória para repassar suas tradições às gerações” (Barcellos e Farias, 2015, p.56).

Sônia Tabajara (Aldeia Vitória, Informação Verbal, out. 2023), por sua vez, realça a importância do maracá desde a sua feitura. A artesã explica a crucialidade do maracá como artefato indígena no processo de perpetuação e continuidade das tradições e cultura de seu povo.

O sentimento que a gente temos pela maraca é que ela é uma peça muito utilizada nos Toré e na nossa ancestralidade. A gente usa muito ela; para onde a gente vai, a gente já vai de boa com ela na mão, sabendo qual vai ser o movimento tanto do pé como da mão, a gente vai sempre usar a maraca. E também tem muitos adereços, que a gente usa, que tem o movimento da maraca. A gente vê também muitos indígenas que usam braceletes e também coloca nos tornozelos, que dá o mesmo som da maraca.

Evidencia-se, através desta fala, a importância do maracá na vida e cultura do povo Tabajara. É evidente que a Maracá não é apenas um instrumento musical, mas uma extensão essencial de sua identidade e tradição cultural. O uso constante do maracá, seja nos rituais do Toré ou no cotidiano, reflete a continuidade dessas práticas ancestrais que desempenham um papel vital na preservação da herança cultural dos Tabajara.

A menção aos adereços que imitam o som do maracá, como os braceletes e tornozeleiras demonstra como a cultura Tabajara enaltece a riqueza simbólica e espiritual associada ao maracá, uma vez que os adereços também incorporam o som desse instrumento sagrado. Tem-se, por conseguinte, que o relato ilustra como a simbologia dos elementos culturais, a exemplo do maracá, ultrapassam a objetividade e a funcionalidade objetiva dos objetos; eles são um reflexo da identidade e espiritualidade do povo Tabajara e são essenciais na continuidade das tradições.

3.3 O MARACÁ COMO EXPRESSÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA DO POVO TABAJARA

O uso do maracá nos rituais sagrados pelos indígenas Tabajara, bem como o próprio processo de sua construção, configura um traço da resignificação da identidade dos indígenas Tabajara. Cumpre evocar aqui que o processo de etnogênese dos Tabajara é um encadeamento recente oriundo da luta pelo reconhecimento étnico e pela retomada territorial na Paraíba (Barcellos; Cavalcanti; Moura, 2016). Segundo Farias e Barcellos (2020, p. 462, grifo nosso):

Esses indígenas, na metade do século XX, foram expropriados da sua terra pela família Lundgren. Fato que os levou a se dispersarem pelas localidades mais próximas da região em busca de sobrevivência, uma diáspora. **Esse processo histórico ocasionou diversas transformações que são sentidas e vistas até hoje, marcando profundamente sua trajetória, afetando os usos e costumes, suas crenças, seus ritos, tradições e até a questão da identidade étnica** – indígenas que vivem no contexto de trânsito entre urbano e rural.

Sabendo dos impactos da diáspora dos Tabajara em seus costumes, crenças e ritos, é fundamental enfatizar, no transcurso do processo de resignificação identitária, o papel dos ritos para a autoafirmação étnica e identitária deste povo.

Os ritos são fundamentais, portanto, no processo de autoafirmação do povo Tabajara, posto que **os rituais têm suas raízes fincadas na ancestralidade mítica e fazem parte do legado cultural de um povo preservando suas tradições e seus mitos**. Também a espiritualidade própria dos indígenas, que é resignificada pelos Tabajara, passa a ser um elemento constitutivo de sua identidade (Barcellos; Cavalcanti; Moura, 2016, p. 466, grifo nosso).

Portanto, é inquestionável a importância dos rituais na autoafirmação e preservação da cultura do povo Tabajara. Os rituais servem como uma ligação vital entre as gerações passadas e presentes, e assim ratifica Nathalia Tabajara (2023) em seu relato, no Apêndice A, ao estabelecer a necessidade de dar continuidade à cultura ancestral a fim de perpetuar as tradições de seu povo. Os ritos são uma maneira poderosa de manter viva a herança cultural e os mitos que definem a identidade do povo Tabajara. A prática do Toré pelo povo Tabajara, tal qual o tocar dos maracás em ritualística, desempenham um papel ativo na manutenção das tradições e na perpetuação das narrativas mitológicas, que são essenciais para a compreensão da identidade étnica e cultural Tabajara.

Quanto à resignificação da espiritualidade pelos Tabajara, é possível afirmar que a espiritualidade é um elemento-chave na formação de sua identidade étnica. A espiritualidade,

como elemento constitutivo da identidade não é uma entidade fixa, mas algo que evolui e se adapta às necessidades e experiências do povo Tabajara. Esse aspecto enfatiza a flexibilidade e a vitalidade da cultura Tabajara, à medida que ela se relaciona com sua herança cultural de maneira significativa e contemporânea.

Além do destaque do maracá em ritualística, no seu papel de marcação dos ritmos e dos movimentos, assim como na conexão simbólica dos participantes com as forças da natureza, o próprio processo de construção do maracá, conforme relatado por Sônia Tabajara (2023), fez parte de um processo de ressignificação identitária e realça a arte indígena de feitura do maracá, desde a colheita dos materiais na mata até a decoração do objeto, como um traço da identidade étnica cultural Tabajara.

Em última análise, destaca-se como o maracá no ritual do Toré é elemento intrincado na construção e manutenção da identidade Tabajara. O maracá é instrumento de espiritualidade e de identidade étnica. Seu uso faz parte da herança cultural e espiritual do povo Tabajara e desempenha um papel central na autoafirmação e na preservação de sua identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do presente estudo, percebe-se a significativa importância do maracá na cultura indígena, especialmente na prática de rituais religiosos e na resignificação da identidade étnica do povo Tabajara da Paraíba no século XXI. O maracá transcende sua função como instrumento musical, tornando-se uma verdadeira manifestação cultural e étnica, cuja espiritualidade está relacionada em sua conexão simbólica com as forças da natureza. Não apenas seu som, mas também à arte gráfica que o compõe e os elementos ornamentais que o adornam, desempenham um papel essencial na comunicação transcendental com o cosmos.

O uso do maracá no contexto do rito do Toré representa uma celebração da vida, da harmonia, da comunidade e da conexão espiritual. Este rito é uma expressão viva do sagrado, mantendo a ordem e restaurando a integração dentro da comunidade indígena. Todo o ritual acaba por fortalecer a identidade étnica e cultural Tabajara. Assim, o maracá desempenha um papel crucial na preservação das tradições e na manutenção da conexão espiritual nas sociedades indígenas, notadamente no que tange à sua ligação com a natureza. Sua sacralidade e poder transcendental o tornam um elemento central na expressão do sagrado e na busca pela harmonia e ordem na cosmovisão indígena.

Através dos relatos de Nathalia Tabajara e Sônia Tabajara, resta evidente que o maracá é uma parte intrínseca da identidade dos Tabajara, transmitida de geração em geração. Sua conexão com a natureza e a simbologia das sementes, das quais são feitos os maracás destaca a importância de cuidar da Terra e respeitar o meio ambiente. Além disso, a memória desempenha um papel crucial na transmissão das tradições culturais e religiosas dos Tabajara.

A diáspora enfrentada pelos Tabajara no passado levou a transformações significativas em suas vidas, afetando costumes, crenças e rituais. No entanto, os rituais desempenham um papel fundamental na conexão com a ancestralidade mítica e na manutenção das tradições culturais, mitos e espiritualidade desse povo.

Ressalta-se ainda, a resignificação do ritual do Toré e a dualidade religiosa enfrentada pelo povo Tabajara, que incorpora elementos da cultura indígena em sua identidade, mesmo quando convertidos ao pentecostalismo. Esse processo de reelaboração é fundamental para a preservação das tradições culturais do povo Tabajara. Enfatiza-se a importância dos rituais, como o Toré, na resignificação da identidade do povo Tabajara, bem como na preservação de sua cultura ancestral e herança cultural.

No que tange à percepção dos indígenas na Aldeia Vitória, o maracá é tido como elemento crucial à cultura do povo Tabajara. Foi enfatizada a necessidade de perpetuação e de

continuidade da cultura passada pelos ancestrais para as próximas gerações. A análise do papel do maracá no ritual do Toré como elemento intrincado na construção, manutenção e fortalecimento da identidade Tabajara é significativa. O maracá desempenha um papel central na autoafirmação e na preservação da cultura Tabajara.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Renato. **História da Música Brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Briguiet, 1942.

FARIAS, Eliane. Memória Tabajara: **Manifestação de fé e de Identidade Étnica**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2015.

BARCELLOS, Lusival; CAVALCANTI, Carlos André Macedo; MOURA, Anderson. O Mito do Herói no Processo de Ressignificação Identitária dos Indígenas Tabajara da Paraíba. **Revista de Teologia e Ciências da Religião**, Recife, v. 6, n. 2, jul/dez, p. 461-472, 2016.

CAVALCANTI, Jeane Odete F. dos Santos. Relevância do Mito e do Rito para a Espiritualidade Indígena do Povo Tabajara. **Revista Campo do Saber**, v. 3, n. 2, Centro Universitário Uniesp. 2017.

ELIADE, Mircea. O Sagrado e o Profano: **A essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

FARIAS, Eliane; BARCELLOS, Lusival. Ser Tabajara: Jovens Indígenas Vivenciando Práticas de Identidade Étnica. **Revista Cocar**, Belém, v. 14, n. 29, p. 458-476, 2020.

FIGUEIREDO, Márcia Medeiros. A mística da Dança do Toré: **Imaginário Social do Povo Indígena Tabajara da Paraíba**. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Ciências das Religiões. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2020. Disponível em: https://www.tabajarapb.com/_files/ugd/48a577_11741cfbd5564b139432dd223f0325b2.pdf. Acesso em: 20 ago. 2023.

LÉRY, Jean de. **Historie d'un Voyage Faict en la Terre du Bresil**, Autrement Dite Amerique. Geneva: Pour Antoine Chuppin, 1585.

LÉRY, Jean de. **History of a Voyage to the Land of Brazil**. Janet Whatley, trans. Berkeley: University of California Press, 1990.

LIMA, Eduardo S. C. O Maracá na sociedade Tupinambá: **representações iconográficas e textuais quinhentistas**. Anais do 3º Congresso Brasileiro de Iconografia Musical. Universidade Federal da Bahia, 2015. Disponível em: http://portaleventos.mus.ufba.br/index.php/CBIM_RIdIM-BR/3cbim2015/paper/viewFile/66/34. Acesso em: 24 ago. 2023.

LINS, Danielle. O fazer musical Tikuna na análise etnomusicológica do CD “Wottchimaucu”. **Revista dos alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFAM**, v. 2, 2017.

MARCHI, Euclides. O Sagrado e a Religiosidade: Vivências e Mutualidades. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 43, p.33-53. Editora UFPR, 2005. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/viewFile/7861/5542>. Acesso em: 20 ago. 2023.

NASCIMENTO, João Batista Vicente do. **História, Ritos e Espiritualidade Indígena: Interfaces com os Potiguara e Tabajara do Estado da Paraíba.** Fragmentos de Cultura, Goiânia, v. 30, n. 2, p. 354-366, 2020.

RESENDE, Cristina da Conceição. **Toré do Povo Indígena Tabajara da Paraíba: Estrutura, Crença e Ressignificações.** Trabalho de Conclusão de Curso. Centro de Licenciatura em Dança. Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018.

ZANNONI, Claudio; BARROS, Maria M. A Voz dos Espíritos: uma abordagem sobre o maracá em sociedades indígenas do Maranhão. **Cadernos De Pesquisa**, v. 9, n. 2, 2012. Disponível em: <http://cajapio.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1047>. Acesso em: 18 ago. 2023

VILHENA, M. A. Ritos: **expressões e propriedades.** São Paulo: Paulinas, 2005.

APÊNDICE A

Transcrição da entrevista 1

Entrevistada: Nathalia Rodrigues Lima

Data: 26/10/2023

Local: Aldeia Vitória

Gilson: Qual o significado do maracá para o povo Tabajara?

Nathalia Tabajara: Nós, indígenas, fazemos nossos rituais, os nossos festejos e, entre eles, nós utilizamos vários equipamentos e materiais como o bumbo; o canto é algo muito forte e, entre ele, está o Maracá. O maracá é uma peça elementar e fundamental para a cultura do povo indígena Tabajara da Paraíba e, especificamente, todos os povos do Nordeste utilizam o maracá ou a maraca, dependendo da localidade, e aí ele vem como elemento de trazer o som e ele nos lembra muito o maracá da cobra coral (*toca o maracá*). Esses elementos, a gente traz muito da natureza. O maracá tem esse sentimento de instrumento musical, que serve para a gente acompanhar nossos ritos, os nossos cantos. É um chamamento. A liderança tem papel um importante, quem faz esse som do chamamento é a liderança, os demais, seguem acompanhando e praticando o ritmo da dança do Toré, juntamente com os elementos, que são o maracá, o bumbo, trazendo a questão da natureza.

Gilson: Alguma espiritualidade esse maracá representa para vocês?

Nathalia Tabajara: A cultura é algo repassado dos nossos antepassados. Então é algo que os nossos antepassados praticavam. A gente dá continuidade à cultura que já era praticada por aqueles que vieram antes de nós. Então, é uma forma de reverenciar a natureza, reverenciar o som da natureza. A gente traz muito a questão da espiritualidade, a mentalidade do ambiente, aquela energia que aquele ambiente nos traz e a gente mentaliza coisas boas, coisas positivas e a gente assimila muito com o som do maracá, que é um som suave, é um som que traz uma reflexão de quem somos e do que queremos, e que estamos aqui nessa terra para ser multiplicadores e o maracá dentro tem sementes, e essas sementes fazem esse barulho e a gente retraz que nós somos sementes dessa terra e nós estamos aqui para plantar e dar muitos frutos.

Gilson: Na Aldeia Vitória, quem pode utilizar o maracá, crianças, mulheres, todos podem ter um maracá e utilizar nesses momentos de rituais?

Nathalia Tabajara: O maracá pode ser utilizado por todos os membros da comunidade, bem como não indígenas que se sentir pertencente; é indigenista, pessoas apoiadores da nossa luta, eles podem estar utilizando esse maracá; utilizar como a força da mãe natureza, utilizar como uma força do som que ecoa, reverenciando a natureza e trazendo todo esse fortalecimento espiritual para todos que utilizam.

APÊNDICE B

Transcrição da entrevista 2

Entrevistada: Sônia Rodrigues da Silva

Data: 26/10/2023

Local: Aldeia Vitória

Gilson: Sônia Tabajara vai falar um pouco para a gente da representatividade do maracá. Sônia é artesã, ajuda a produzir essa cultura indígena. Ela vai falar um pouco sobre o maracá.

Sônia Tabajara: Vou falar sobre os preparativos da maraca, que a gente pega no pé de Cuité e também tem as cabaças, os pés de cabaça. Aqui a gente tem o pé de cabaça e a gente colhe ele. Depois de colher, a gente coloca para secar. Depois de seco, a gente faz o furo nele e começa o trabalho de lapidação nele. A gente começa a lixar, a tirar todos os fungos que fica depois dele seco. E daí a gente começa a preparar o cabo dele, vai na mata, pega a madeira, que se chama Imbiriba. Pega a Imbiriba para fazer os cabo. Depois a gente começa a lixar, colocar os cabo, a semente dentro, e está pronto a maraca.

Gilson: Na construção da maraca e, pensando na utilização dela, qual o seu sentimento como artesã?

Sônia Tabajara: O sentimento que a gente temos pela maraca é que ela é uma peça muito utilizada nos Toré e nas nossas ancestralidades e a gente usa muito ela, para onde a gente vai, já vamos de boa com ela na mão, sabendo qual vai ser o movimento tanto do pé como da mão, a gente vai sempre usar a maraca. E também tem muitos adereços, que a gente usa, que tem o movimento da maraca. A gente vê também que tem muitos indígenas que usam braceletes e tornozelos, que dá o mesmo som da maraca. Os artefatos que fazem esse barulho, esse som, é chamado de boquinha de macaco, eu tenho ele aqui e, quando eu coloco para expor meu artesanato, o pessoal compra rápido, porque ele tem também um som muito bonito.

Gilson: Sônia, muito obrigado por essa entrevista, foi muito bom aprender um pouco com vocês e, em nome da Universidade Federal, também venho aqui agradecer.

Lusival: Eu tenho uma pergunta a fazer, como é que você faz os desenhos?

Sônia Tabajara: É com pirógrafo.

Lusival: Mas como você faz? Existe uma forma de fazer pirografia, a maraca todas elas você faz assim ou vai mudando?

Sônia Tabajara: Elas vão mudando, cada uma a gente faz um desenho diferente.

Lusival: Esse desenho aqui, por exemplo, representa o que?

Sônia Tabajara: É o desenho da cobra coral.

Gilson: E quais são os desenhos que vocês podem colocar nas maracas?

Sônia Tabajara: A gente coloca o símbolo da arara, coloca também o formigão, aquele bem grandão da mata, e também ele coloca sempre a pintura indígena. A gente usa mais a pintura indígena.

Lusival: Nesse caso tem algum maraca que tenha as cores que são utilizadas por vocês?

Sônia Tabajara: No momento ainda não, pois estamos com bastantes maracas para fazer e reconstruir dessa forma que o senhor está me perguntando. As ideias já estão todas guardadas e a gente vamos colocar ela em prática, a gente vai colocar as cores, realmente e elas vão sair muito bonitas.

Lusival: E quanto tempo faz que você faz maracas?

Sônia Tabajara: Professor, desde que eu comecei a retomada em Ucatu que, de lá pra cá, eu...

Lusival: Em que ano?

Sônia Tabajara: Não lembro, acho que 2011, final de 2011. Comecei leve, bem à vontade, assim construindo um artefato de muita utilidade para o nosso povo, e é o meu sonho que todos os jovens, as crianças, não percam essa identidade que a gente tem de fazer o nosso próprio artesanato. E eu tava falando com os meus filhos, olhe tô envelhecendo, mas aprendam a não deixar a cultura ir embora, porque, quem faz os cocares aqui dentro na nossa Aldeia, as tiaras, os brincos, os cordões de sementes, sou eu e o meu filho Álvaro, que também faz pulseiras, Bianca faz adereços do tornozelo. Assim, eu ensino a eles pra que eles não deixem essa cultura morrer, porque os velhos vão embora e vão vir os novos, e assim a gente tem que estar sempre firme e forte para que essa cultura não acabe. Realmente, é a nossa raiz e ela não pode acabar ela tem que ser sempre regada, como os jovens, tá sempre tendo aquela pegada em querer aprender, se esforçar, para ter também seus artefatos para vender numa feira, onde chegar dizer que sou artesã. Para mim é um orgulho dizer que sou artesã.

Lusival: E Sônia, quando você está no toré e ta com o maracá, como você se sente?

Sônia Tabajara: Me dá mais energia, dá mais vontade de você estar ali, de você dançar mais, de você querer ficar ali mais tempo, é uma energia muito forte que ele traz para nós.

Lusival: E o Toré sem o maracá?

Sônia Tabajara: Tá liso. Você tá sem nada. Eu fico assim: eu não tenho nada.

Gilson: O Maracá já faz parte da essência indígena, né?

Sônia Tabajara: Exatamente.

Lusival: Se não tivesse macará, ein, eu nunca vi toré sem maracá.

Sônia Tabajara: É não tem sentido, só tem sentido com o toque dele. Pode até faltar o bumbo, mas o maracá não.

Lusival: O Maracá é o principal instrumento que une o Toré Tabajara e o Toré do Nordeste e faz com que ele tenha essa direção, essa condução, essa principal essência para existir. Sem maraca não tem toré, né isso, Sônia?

Sônia Tabajara: Não tem, você pode até cantar, mas tá faltando algo e esse algo que falta é o maracá porque é o som dele que da energia para você dançar, para atrair energia para que as pessoas venham a entender e também se chegar junto para ver.

Gilson: O Maracá, pelo que eu entendi, é a essência do indígena no Toré, ele faz parte no toré.

Lusival: É porque existem também outros povos que usam também o tambor, e, os potiguar, por exemplo tem a gaita que é uma flauta. Cada povo tem um jeito diferente, mas aqui o principal instrumento que o toré tabajara que faz tudo acontecer é isso aqui (som do maraca) o Maracá, no jeito de fazer também, pois tem várias maneiras de fazer, não é só uma maneira.

Sônia Tabajara: Tem muitos jeitos de pegar, tem gente que usa ele assim (*toca o maracá de jeitos diferentes*), já outros usam assim (*som do maracá*).

Gilson: O Maracá é de um indivíduo só ou eles são compartilhados?

Sônia Tabajara: Apenas para um indivíduo só.

Gilson: Você tem um maraca só seu, ou você pode transferir para outra pessoa?

Sônia Tabajara : Cada um de nós temos o dever de ter p próprio maracá, ele é individual.

Lusival: Há toda uma sinergia, uma relação, subjetividade, espiritualidade do artefato com a pessoa.

Sônia Tabajara: Isso. Diz que teve uma vez que pediram o cocar dele, não era esse, era outro e, quando ele foi colocar na cabeça dele, ele sentiu dor de cabeça. Então a sua energia é transmitida pra mim e eu não sei como você está. Então ela vai me fazer mal. São essas coisas que a gente tem que ter muito cuidado. Eu não gosto de tirar minha tiara pra ninguém tirar foto, mas as pessoas sempre me pedem e eu fico me amarrando pra que isso não venha a acontecer.

Sônia Tabajara: Uma retomada e eu não tinha noção de nada né e aquilo tudo ali mexeu muito comigo, ai eu fui e convidei Gero: ‘Gero, vamo comigo! Tu sabe onde vende semente!’. Aí ele

falou pra mim que sabia. ‘Então me leve até lá’, aí a gente saiu e fomos lá em João Pessoa. Fomos no salão do artesanato dos artesanatos lá em Tambaú, aí fomos em outro salão de artesanato lá na rodoviária e, lá, a gente comprou umas sementes de açaí; a gente comprou e, dali, a gente comprou as linhas e eu fui e voltei pra lá. Fiz uns pauzinhos, fiz alguns brincos e o pessoal ia chegando lá e começou a comprar. E aquilo ali me deu um intuito muito bom, assim! Um desarmamento na mente pra mim e eu comecei a me posicionar; e eu fui me descobrindo, que eu sou apaixonada por artesanato, aí fui e comecei a fazer os artesanatos e o meu cocar foi pra a exposição e, depois desse, eu construí um do mesmo tamanho todo na linha. E até hoje ele tá aqui, ele tá de pé o Cocar que eu fiz eu fiz pra Nati e, depois desse, eu comecei a fazer era muito. O pessoal me indicava: ‘fulano quer um cocar, Sônia faz e assim’.

Lusival: E o maracá?

Sônia Tabajara: Nesse percurso também. A gente fez, a gente comprou lá não tinha, e a gente comprou as cabaças. E a gente, Gero muito também experiente, ele fez os pauzinhos e a gente colocou aquelas sementes de pau brasil dentro dela e a gente fez as maracas também lá. A gente fez de coco também; lá tinha muito coco velho lá jogado, aí eles abria o coco e agente fez o trabalho todinho dentro do coco limpava envernizou ele e a gente apurou bastante dinheiro na nos eventos que a gente ia ser convidado e a gente ia pra lá.

Gilson: O maracá era transpassado?

Sônia Tabajara: Sim, é, tem uns que a gente coloca umas peninhas na frente pra arrumar.